

# 1 Introdução

Toda uma vida é apenas suficiente para pintar um único ramo.

Essa frase é atribuída à sabedoria oriental, mais especificamente a japonesa, em uma passagem de *Francis Bacon: lógica da sensação* que trata da luta interminável contra os clichês, de imagens, de ideias (Deleuze, 2007, p. 94). Para o próprio Bacon, sobrariam de sua obra somente algumas séries de cabeças, um ou dois trípticos aéreos e um grande dorso de homem, afirma Deleuze.

Assim, mesmo os grandes pintores teriam conseguido raras oportunidades de reduzir a multiplicação dos clichês na sociedade. Ao fim de uma vida, quando muito, restariam dois ou três quadros.

Tentemos pensar no caso dos pesquisadores. Analisar os clichês, desejando tomar distâncias deles, ainda nos leva a muitos outros, um engendrado no outro.

Contudo, é preciso encontrar meios de continuar a pesquisa e escrever artigos, capítulos, ensaios. Percorrer criticamente numerosas trilhas, tentando variá-las o quanto possível. Vivenciar o processo de produção de pensamento, em suas potencialidades e limitações.

E, quem sabe, um dia, chegar a pintar *um* único e delicado ramo.

Diante dessa questão, encontram-se pesquisadores, artistas, escritores e leitores interessados.

Nesta dissertação, lanço-me à proposta de buscar caminhos singulares para tratar de um enorme clichê construído culturalmente: o “Oriente”. Ou melhor, quero dizer que tento ensaiar algumas ideias, dialogando com dois autores – o intelectual palestino-americano Edward Said e o escritor francês Roland Barthes. Ambos contribuirão para a construção de conhecimento sobre a ideia de “Oriente” em escritas de si, o que inclui textos de memórias, ensaios com elementos autobiográficos, diários de viagem.

Para detalhar o tema desta dissertação e seu percurso, em primeiro lugar quero mencionar o fato de não ter economizado aspas ao mencionar a palavra Oriente ao longo do texto – o que alguns leitores poderão achar excessivo. Contudo, tenho uma justificativa para ter adotado esse excesso. Em *O trabalho da citação*, Antoine Compagnon (1996, p. 53) comenta que as aspas sugerem o seguinte posicionamento: “Não sou em quem o diz”. Seria, portanto, uma maneira de não definir quem o disse, de apontar somente um “diz-se”.

Assim, escrevo Oriente entre aspas nos momentos em que gostaria de enfatizar suas diferentes construções – os diversos “Orientes” criados pelos interesses em jogo na cena política, cultural e social.

Também é importante mencionar que, desde o primeiro ano de mestrado, pensei em elaborar esta dissertação em capítulos independentes, de modo a favorecer uma leitura segundo os interesses do leitor. Além disso, quis trabalhar com um tipo de estrutura alternativa ao modelo em que os capítulos são elaborados em sequência, rumo à conclusão final. A ideia era privilegiar o mapeamento de questões e o ensaio de ideias e argumentações, sem precisar me comprometer com um resultado determinado.

Assim, o capítulo intitulado “O saber se encena nas escritas de si?” apresenta as discussões e reflexões realizadas no primeiro ano do curso de mestrado. Minha proposta inicial era pesquisar o conceito de Orientalismo segundo a perspectiva crítica de Said. No entanto, o curso *A “escrita de si” na comunicação literária*, oferecido pelas professoras Heidrun Krieger Olinto e Daniela Beccaccia Versiani no primeiro semestre de 2011, teve um forte impacto no escopo desta dissertação, ao desviar minha atenção para textos de Said que empregavam elementos autobiográficos.

No semestre seguinte, ao longo do *Seminário de Formulação de Projeto e Desenvolvimento de Pesquisa I*, coordenado pela professora Rosana Kohl Bines, desenvolvi as primeiras hipóteses que foram trabalhadas nesse capítulo sobre Said. Trata-se, afinal, de um estudo sobre o personagem “oriental” e “fora de lugar” encenado por Said em textos ensaísticos e narrativos. A partir das noções de “encenação de saberes” e “dramatização de si”, discutidas por Roland Barthes e Eneida Maria de Souza, elaborei minha leitura de como Said usou a escrita de si para levantar suas questões sobre o “Oriente”.

Na ocasião do Seminário de Qualificação de Projetos de Pesquisa de Mestrado, realizado em julho de 2012, minhas leituras de Barthes haviam impulsionado uma nova alteração no escopo desta pesquisa. Dessa vez, o desejo era contemplar as sedutoras relações de Barthes com noções relativas ao “Oriente”, especialmente em textos de cunho autobiográfico.

Essa inquietação, apresentada à banca de Qualificação de Mestrado, desdobrou-se nas reflexões que motivaram o capítulo “Poéticas em queda lenta”. Ao desenvolvê-lo, percebi que as articulações entre escritas de si e noções do “Oriente” em Barthes poderiam ser pensadas, sobretudo, a partir de suas leituras do haikai. Nesse sentido, tenho atenção especial com as associações que Barthes faz entre o haikai e termos como incidente, dobra e queda.

Já o capítulo “Orientes possíveis” justifica, por um lado, meu enfoque nas relações pessoais de Said e Barthes com o “Oriente” – pois esse último capítulo sugere as influências que recebi como neta de imigrantes japoneses. Por outro lado, ele também pode ser entendido como resultado das “incitações” provocadas pelas leituras das escritas de si de Said e Barthes. Refiro-me aqui a um comentário de Marcel Proust no ensaio “Sobre a leitura” (2003): o que o autor poderia chamar de “conclusões” seriam, para o leitor, “incitações”. “Gostaríamos que ele nos desse respostas, quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos”, afirma (Proust, 2003, p. 30).

Assim, escrevi esse capítulo a partir das relações que construí com a ideia de “Oriente”, buscando maneiras de encenar *algum* “eu” na escrita. Como nas escritas de si estudadas nos capítulos anteriores, a proposta não é capturar um Oriente ou fotografar um local geográfico do Oriente. Para tentar indicar esse caminho, escolhi uma escrita em fragmentos, misturando anotações, reminiscências e reflexões. Alguns textos influenciaram de maneira mais direta esta escrita de si, mas não foram explicitamente citados. Por isso, eles aparecem nas referências desta dissertação no item “Bibliografia complementar”.

Esclareço ainda que os asteriscos utilizados em “Orientes possíveis”, para separar visualmente os fragmentos de textos, acabaram sendo incorporados nos demais capítulos. Nesse caso, eles marcam pequenas pausas do pensamento ou tomadas de fôlego durante o processo de escrita. Creio que, nesta discussão, o espaçamento, o espaço em branco nas páginas, possa causar tanto efeito quanto as

palavras aqui escritas. Por isso, preferi dar visibilidade a esses momentos de pausa.

Gostaria de chamar a atenção do leitor para mais dois pontos.

O primeiro diz respeito à quantidade razoável (para alguns, talvez excessiva) de notas de rodapé ao longo do texto. Elas funcionaram como um mecanismo que evitava uma paralização total da escrita, facilitando ainda a fluidez da leitura. Além disso, permitiram que esta dissertação se aproximasse de uma de suas propostas: visar mais os percursos de leituras do que a tentativa de dar conta da abrangência dos assuntos aqui tratados. Por conta disso, reforço que o leitor encontrará aqui mais um mapeamento de questões do que um tratamento extenso do tema selecionado.

Esse é justamente o segundo ponto: considero que as últimas mudanças de escopo, para incluir textos de Roland Barthes e minha própria encenação de si, foram válidas por enriquecerem o tema das noções de “Oriente” em escritas de si. Porém, essas alterações também diminuíram o espaço para a análise de textos de Said. Outra consequência é o fato de o capítulo sobre Barthes ter sido elaborado em menos tempo, o que levou à indicação de muitos desdobramentos possíveis, a serem pesquisados futuramente. De certa maneira, trata-se de uma incompletude que faz parte de meus próprios pressupostos teóricos.

Por fim, ressalto um pressuposto que perpassa todos os capítulos desta dissertação: o entendimento das escritas de si como um campo fértil para a construção de saberes. Esse espaço privilegia não apenas as dimensões científicas da teoria, mas inclui outros tipos de textos que, canonicamente, não seriam considerados organizadores de “conhecimento”. São textos que expressam afetos, impressões, detalhes pessoais – e nem por isso deveriam ser menos reconhecidos como formas de se produzir crítica e teoria, conforme sugiro. Embora não tenha feito uma abordagem teórica, penso que pude evocar essa questão ao menos na escolha singular de textos de Said e Barthes, assim como na prática de múltiplos exercícios de escrita.